

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

ARRISON DE SOUZA FERRAZ (1908-1985)

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci

Ao ser empossada na Cadeira nº 10, da Academia Paulista de História, a Acadêmica Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci proferiu, como de praxe, o “elogio acadêmico” de seu antecessor, ARRISON DE SOUZA FERRAZ. Tomando-o como “vulto da historiografia brasileira” do presente número, julgamos oportuno transcrever o trecho do discurso, ainda inédito, em que a nova Acadêmica ocupou-se de sua vida e obra.

Como bom pernambucano, embora tendo vindo muito moço para São Paulo e em nossa terra realizado toda a sua brilhante carreira militar, era natural que Arrison de Souza Ferraz, ao ser escolhido para o grupo inicial da Academia Paulista de História, escolhesse como seu patrono neste sodalício o maior historiador de seu Estado, Oliveira Lima. Todavia, poucas são as afinidades entre o patrono e o fundador da Cadeira nº 10. Arrison de Souza Ferraz dedicou-se a uma das poucas áreas da história brasileira não perlustradas pelo grande autor de **D. João VI no Brasil**, qual seja a historiografia militar. Nesta área concentra-se toda a sua produção historiográfica. Militar de carreira da antiga e gloriosa Força Pública do Estado de São Paulo, da qual chegou a ser Comandante, cuidou da história de sua corporação, não em obra sistemática como seria de se desejar e como ele bem seria capaz de o fazer, mas em escritos esparsos, ora biografando figuras insígnies que a ela pertenceram, ora reunindo e divulgando subsídios que ajudassem à sua crônica.

Assim, os livros **Fragmentos da História da Tropa de Piratininga**, de 1942, e **Grandes Soldados de São Paulo**, de 1960; as biografias dos coronéis José Pedro de Oliveira e Luiz Tenório de Brito e do major Faustino da Silva Lima, que publicou nas páginas da “Revista do Arquivo Municipal” e da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”.

Quando eleito para o Instituto Histórico, Arrison de Souza Ferraz não teve dúvidas na escolha de seu patrono: nada menos que o fun-

dador de sua corporação militar, o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, ao qual dedicou o último e certamente o mais importante de seus livros de biografias, publicado em 1973, com prefácio de Tito Lívio Ferreira. Prefácio que, tal como o do saudoso José Pedro Leite Cordeiro para outro de seus livros, soube ver no ilustre militar não apenas o soldado, mas o pesquisador da História, honesto e criterioso, e o escritor erudito e elegante. Arrison de Souza Ferraz acompanha o grande sorocabano da infância à adolescência, aos estudos humanísticos, nos quais teve três colegas que se tornaram, ao longo de suas vidas, três grandes companheiros: Diogo Antônio Feijó, Antônio Joaquim de Melo e Paula Souza: o Regente do Império, o grande bispo de São Paulo e o primeiro grande político de vocação parlamentarista. Acompanha seu biografado na vida pública, no parlamento, na presidência por duas vezes da província paulista e na revolução liberal de 1842, na qual teve como companheiro, já velho e alquebrado, o antigo Regente do Império. Depois, entrevemos Tobias de Aguiar na sociedade e na família e, finalmente, como criador da Força Pública de São Paulo, a corporação a que o biógrafo ligou toda a sua existência.

Ainda sobre história militar, embora não ligada à terra paulista, deixou-nos um estudo sobre a Batalha de Tuiuti e um belo artigo sobre o General Osório, a propósito do centenário de seu falecimento, em 1979, ambos acolhidos pela "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo". Este último, sobre o General Osório, talvez tenha sido seu derradeiro escrito. Pouco depois, agravou-se seu estado de saúde, o que o obrigou a transferir-se para o Rio de Janeiro, junto a familiares seus, e onde veio a falecer aos 8 de fevereiro de 1985, longe de seu Estado natal e longe do Estado que adotou como seu, nele vivendo cerca de sessenta anos. Não chegou a completar seu octagésimo aniversário, pois nascera aos 26 de fevereiro de 1908, na pequena cidade pernambucana de Cabrobó, no sertão do médio São Francisco. Diga-se de passagem que um de seus livros, publicado em 1966, versou precisamente sobre a história de sua cidade natal.

(...) Outro traço significativo da personalidade de nosso antecessor, e que nos comprazemos em registrar, foi o seu interesse pela educação física. Diversos trabalhos escreveu sobre o assunto, propugnando por reformas que visassem a um melhor entendimento do importante tema. Discutiu o problema pela imprensa; apresentou teses substanciais pelo menos a três congressos, em São Paulo, em Porto Alegre e em Buenos Aires. Foi professor e diretor da Escola de Educação Física da Força Pública do Estado, escola pioneira em São Paulo. Interessava-lhe — e esta é a tônica de tudo quanto escreveu sobre o assunto — a educação física não apenas como ginástica, esporte ou exercícios corporais, mas como um complemento da educação do cidadão, numa linha muito semelhante à de Fernando de Azevedo, realmente o pioneiro em nosso País do que se poderia denominar a "filosofia da educação física".

Muitas vezes aliou os dois temas, a História e a Educação Física. Por exemplo, em **Washington Luís e a cultura física brasileira**, capítulo valioso do belo volume “Washington Luís visto pelos contemporâneos no primeiro centenário de seu nascimento”, publicação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; em **O cerimonial esportivo através dos tempos** e, especialmente em **A Educação Física e a Igreja**, publicado em 1954, não só um dos seus livros mais interessantes, mas, diríamos mesmo, livro único na bibliografia brasileira. Nele, Arrison de Souza Ferraz vai buscar, ao longo dos séculos, os diversos conceitos religiosos sobre educação física, começando pelas páginas do Antigo Testamento, depois pelos grandes doutores da Igreja, pela literatura cavalheiresca medieval para chegar às manifestações papais dos grandes pontífices. E numa segunda parte, cuida da contribuição da Igreja à educação física no Brasil, respigando conceito de autores religiosos do passado e ressaltando o papel das diversas ordens e congregações — masculinas e femininas — para o desenvolvimento da educação física e do esporte entre nós. Reúne, assim, em trabalho fartamente informativo e apoloético, com erudita documentação, “o contributo precioso com que a Igreja tem favorecido e prestigiado a hígidez do corpo em benefício da saúde da alma”. Percebe-se que Arrison de Souza Ferraz, homem profundamente religioso, ao que fomos informada, pôs neste livro não apenas sua inteligência e cultura, mas igualmente seu coração. Vale ressaltar que este livro foi prefaciado por Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, na época bispo-auxiliar de São Paulo e que dentro em breve viria a ser arcebispo metropolitano de Campinas.

Encerraremos estas considerações sobre nosso antecessor com uma referência a duas páginas que escreveu para a **Notícia Bibliográfica e Histórica**: uma comemorativa do cinqüentenário da revolução paulista de 1924 e outra, evocativa de seu (aliás, de nosso) patrono nesta Casa: Oliveira Lima.